

Nota da Conferência “Islão africano na diáspora: Tates-Corongos, insurreição e resistência negra no Brasil imperial”

O coordenador da Unidade de História, Vítor Rodrigues, agradeceu a Rogério Ribas, da Universidade Federal Fluminense, RJ, a vinda ao AHU para apresentar a conferência *“Islão africano na diáspora: Tates-Corongos, insurreição e resistência negra no Brasil imperial”*.

Iniciada a conferência, Rogério Ribas referiu que os elementos a apresentar são resultados parciais do estudo que o historiador brasileiro está a levar a cabo sobre a insurreição de escravos na antiga Província de Vassouras no ano de 1847, tema inédito, que ainda não foi objecto de nenhuma monografia. Este estudo tem por base a “Memória Histórica do Município de Vassouras”, escrita em 1852 por Alexandre Joaquim de Siqueira, juiz de direito da Comarca de Vassouras, e direcciona-se para duas preocupações relacionadas com o estudo da escravidão e da cultura negra no início da modernização do Estado escravista brasileiro.

Em primeiro lugar, a inquietação que tomou conta da classe senhorial na primeira metade do século XIX diante da crescente onda de rebeldias negras em todo o país. Já antes de Vassouras, tinha havido a revolta do quilombo de Manuel Congo, em Pati do Alferes no ano de 1838 e a Revolta dos Malês em 1835, na Bahia. Estas revoltas significavam não só o crescimento da capacidade de organização dos escravos, mas também, da consciência política negra. Aliás, temendo a organização de revoltas e atormentados por semelhante pavor, os senhores de escravos, baixaram diversas instruções, entre as quais a conveniência de se concederem aos escravos parcelas de terras para o seu sustento (“brecha camponesa”), o aumento da segurança nas fazendas, o bom tratamento aos cativos, etc.

Em segundo lugar, salientou a aparente fusão entre traços de origem Cabinda-Angola com elementos da cultura islâmica e cristã e a sua “crioulização”. As revoltas dos Malês foram empreendidas por negros muçulmanos ou males (que se associa a Imale, expressão iorubá para Islão ou Muçulmano); a insurreição de Vassouras, pelo movimento dos Tates-Corongos, uma associação secreta dos escravos. Tata (corrutela de Tate), significa grande sacerdote, pai, chefe de terreiro ou de um conjunto de terreiros no ritual Angola e na Umbanda, espírito protetor de cabula e, às vezes da macumba.

Por outro lado, tinham influência islâmica, faziam a profissão de fé (shahada), as cinco orações diárias, pagavam o Zakat - a esmola obrigatória na “Ummah” (Comunidade de Alá, proposta pelo Profeta Maomé - uma nova tribo ligada pelos laços da religião e não mais pelos laços de consangüinidade); cumpriam o jejum do Ramadão e sabiam que se tivessem condições, teriam de fazer a peregrinação a Meca (a cidade santa do Islã, proferindo sempre Allahu Ákbar - Deus é o maior).

Neste ponto a pesquisa de Rogério Ribas pretende desvendar e descrever a complexa teia cultural que parece ter envolvido a sociedade secreta dos Tates-Corongos, contribuindo para o conhecimento das culturas Afro-brasileiras, numa perspectiva histórica e antropológica.

Já no período do debate, Luís Frederico Antunes, investigador do HIST, questionou o conferencista em que medida estas revoltas escravas tiveram um papel de pressão sobre o tráfico de escravos e, mais tarde, sobre o processo abolicionista. Por outro lado, quis saber a origem destes escravos islamizados.

Relativamente à primeira questão, o conferencista referiu que as referidas revoltas foram uma das causas para aqueles acontecimentos, apontando outras, por exemplo, a partir de 1860, a emigração subvencionada. Em resposta à segunda questão, Rogério Ribas, referiu que na sua maioria vinham da África Ocidental, informação que retirou de “Entrevista com escravos Africanos na Bahia oitocentista” (1845), por Francis de Castelnau.

Ana Cannas, Directora do AHU, colocou também duas questões. Primeiro, que tipo de documentação foi utilizada para este estudo, para além da Memória Histórica do Município de Vassouras; segunda, se ainda existem descendentes destes escravos islamizados.

Rogério Ribas mencionou que a base do estudo foi efectivamente a Memória Histórica, mas que consultou igualmente vários processos criminais e os interrogatórios policiais levados a efeito naquela ocasião, sobretudo o processo contra Estevão Pimenta, o principal Tate-Corongo. Consultou ainda Actas da Câmara.

Quanto a descendentes, ainda existem em terreiros e candoblés do Rio de Janeiro, o que mostra a longevidade desta cultura no tempo e no espaço. O compositor Aniceto de Menezes e Silva (mais conhecido por “Aniceto do Império”), e um dos fundadores da Escola de Samba Império Serrano, é um deles. Nasceu no início do século XX e conviveu com muçulmanos que menciona nas letras do seu samba. Os seus versos são em certa medida auto-biográficos, e mostram traços árabes no Brasil e abarcam o Islamismo, o Cristianismo e a Religião dos Orixás - um clássico do Islão Africano na Diáspora, num hibridismo, ambivalência, mescla e disjunção cultural que forma a identidade dos negros no Brasil.

Reportando-se a um estudo que está a ser realizado por alguns investigadores do HIST, Vítor Rodrigues, perguntou ao conferencista se conhecia algum tipo de documentação relacionada com as inquirições da Sociedade das Nações sobre escravatura e formas análogas à escravatura nos finais do séc. XIX e início do XX (Portugal chegou a ser inquirido a propósito da prática do libolo em Moçambique).

Rogério Ribas respondeu não conhecer qualquer documentação sobre a temática mas considerou a possibilidade de existir algo no acervo do Ministério das Relações Exteriores, uma vez que a linha política no Império de justificar a escravatura, teve continuidade no começo da República.



Rogério Ribas



Rogério Ribas e Vítor
Rodrigues



Luís Frederico Antunes e
Ana Canas

2010-04-23